

**TRABALHO DE MULHERES E ECONOMIA
FAMILIAR: O CASO DAS AMAS DE EXPOSTOS
DA RODA DO PORTO NO SÉCULO XVIII**

Isabel dos Guimarães Sá

Universidade do Minho, Braga

ABSTRACTS

O trabalho analisa a ocupação de ama de leite, considerada como actividade paradigmática do trabalho de mulheres no Antigo Regime, a partir de um grupo específico –o das amas de expostos– e de um estudo de caso –o da Casa da Roda do Porto durante o século XVIII–. O retrato de grupo que emerge das amostras estudadas é o da incidência elevada de amas solteiras, de níveis elevados de ocupações artesanais entre os maridos das amas e do afastamento das zonas de residência das amas em relação à cidade. No plano das estratégias familiares, estas não se prendem exclusivamente com a economia do grupo co-residente, mas incidem directamente na reprodução biológica e na composição do agregado familiar. As informações recolhidas demonstram que alguns efeitos do aleitamento de expostos como o prolongamento do intervalo intergenésico, a possibilidade de aleitar crianças abandonadas em substituição de filhos mortos ou de integrar expostos no grupo co-residente eram claramente procurados e muitas vezes atingidos pelas amas.

The occupation of wet-nurse is considered as a typical activity for women in the Ancien Régime. A specific type of wet-nurses –foundling wet-nurses– and a case study –the Casa da Roda do Porto during the eighteenth century– are considered in the study. The group was characterised by high levels of unmarried women, a significant presence of rural artisans among the wet-nurses' husbands and by areas

of residence distant from the city. Women were interested in breastfeeding foundlings not only to receive wages, but they pursued strategies that had an incidence in reproduction and in the formation of the household group. Data analysed demonstrate that prolonged lactation, the "replacement" of an own dead child by a foundling or the integration of an abandoned child in the household were goals often achieved.

L'occupation de nourrice, considérée comme un exemple typique du travail des femmes sous l'Ancien Régime est analysée, en considérant un type spécifique de nourrice – celui des enfants trouvés – et le cas particulier de la Casa da Roda de Porto au XVIIIème siècle. Les échantillons analysés nous donnent le portrait du groupe comme étant caractérisé par un pourcentage élevé de nourrices célibataires, par de hauts niveaux de artisans ruraux parmi les maris des nourrices et par un éloignement géographique vis à vis de la ville de Porto. L'allaitement des enfants trouvés n'obeissait pas à des objectifs seulement économiques, mais aussi à des stratégies qui incidaient sur la reproduction biologique et sur la composition du groupe co-résident. Les données recueillies montrent que le prolongement des intervalles intergénéralistes, le remplacement d'un fils mort par un enfant trouvé ou l'intégration d'un enfant de l'Hôpital dans la famille étaient des objectifs poursuivis par les nourrices et souvent réussis.

TRABALHO DE MULHERES E ECONOMIA FAMILIAR: O CASO DAS AMAS DE EXPOSTOS DA RODA DO PORTO NO SÉCULO XVIII

Isabel dos Guimarães Sá

Universidade do Minho, Braga

1. Introdução

Este trabalho pretende chamar a atenção para a dificuldade em avaliar a contribuição das mulheres para a economia familiar tendo em conta critérios estritamente financeiros, especialmente em actividades profissionais relacionadas com a reprodução biológica. A actividade aqui focada é a de ama de leite: trata-se de uma ocupação especificamente feminina e própria de sociedades pré-industriais em que o desenvolvimento tecnológico não tinha ainda criado alternativas eficazes ao aleitamento. Existia uma gradação no interior da actividade, com níveis de qualidade do produto, de condições de trabalho e salários diferenciados. As amas particulares trabalhavam para uma clientela privada, com exigências próprias e sob a vigilância da família da criança que tomavam a cargo. Nesse grupo incluía-se quer a ama que amamentava a criança em sua casa, quer a ama doméstica, residente com a família da criança. Esta última situava-se no ponto mais alto da escala: era geralmente jovem, tinha tido um único parto, integrava o grupo de servidores domésticos de um determinado agregado onde detinha uma posição privilegiada e o seu trabalho como ama proporcionava-lhe a totalidade do seu rendimento. As amas particulares não-residentes, embora exercessem a sua actividade a domicílio; eram vigiadas pela família da criança que tinham a cargo que as visitava com alguma frequência.

Neste caso a proximidade da família contratadora, geralmente de residência urbana, era um requisito fundamental. As crianças abandonadas, a cargo da assistência pública e geralmente desprovidas da protecção da família biológica, tendiam a ser aleitadas por mulheres que se situavam no escalão mais baixo da ocupação. As *amas de expostos* tinham como patronato uma entidade pública, a instituição de assistência que lhes pagava o salário, nem sempre em grado de controlar a sua actividade, e conferindo-lhes por isso uma ampla margem de liberdade no exercício da ocupação. Embora não dispnhamos de estudos que comparem os salários das *amas* privadas com as *amas* públicas, não será descabido pensar que as instituições não tinham condições económicas para pagar salários tão elevados como as famílias burguesas e aristocráticas que contratavam *amas* particulares. Por outro lado verificava-se a tendência para se processar uma selecção das *amas* consoante a idade e a constituição física: a literatura médica da época contém um significativo corpo de prescrições selectivas relativas a *amas* de leite. As instituições públicas, pela concentração de números elevados de crianças, não estariam em grado de operar essa selecção: as *amas* de expostos seriam assim as mulheres que não estavam em estado de competir com o mercado privado; seriam as menos qualificadas segundo os critérios da época, as de menor salário e as que provinham de zonas geográficas mais distantes. É sobre este último grupo de *amas* que este estudo se concentra, partindo do pressuposto de que a actividade de *ama* de expostos não pode ser por si mesma a única fonte de rendimento de um determinado grupo doméstico. Integra-se numa economia familiar, baseada em actividades múltiplas e que proporcionam rendimentos múltiplos, nem sempre do mesmo tipo. No caso das *amas* de expostos, o salário é sem dúvida muito baixo. Nesse sentido, tentarei demonstrar que a contribuição do trabalho feminino – neste caso das *amas* de expostos – para a economia familiar se rege por outros parâmetros, que não têm directamente a ver com o rendimento familiar, mas que podem ser fundamentais na estruturação da composição do grupo doméstico, e portanto, implicar benefícios indirectos na economia familiar.

Tomaremos como exemplo um estudo de caso, o da Casa da Roda do Porto, ao longo do século XVIII. Trata-se de uma instituição que procedeu a um acolhimento indiscriminado de crianças, acolhendo um número sempre crescente de expostos ao longo do século, sempre de forma anónima, utilizando uma *roda* desde a sua criação em 1689. Esse anonimato não permite descortinar a área de proveniência dos expostos, muito embora indicadores indirectos apontem para uma centralidade relativamente a toda a zona compreendida entre o Baixo-Minho, o Douro Litoral e a região de Aveiro. Os estudos demográficos sobre o Noroeste português apontam para níveis elevados de ilegitimidade, mesmo num contexto pós-tridentino, quer em meios urbanos quer rurais, e o estudo das fontes da Casa da Roda demonstra uma familiarização e aceitação social da ilegitimidade significativa (Sá, 1992: 347-349; 1993).

2. Tipologia das *amas* de expostos

De entre as *amas* de expostos temos vários sub-grupos a considerar, consoante os seguintes critérios:

1. O momento da vida da criança em que a *ama* a tomava a seu cargo;
2. O período de tempo em que devia cuidar do exposto;
3. O local de residência;
4. O salário auferido.

Em primeiro lugar, devemos considerar as *amas de dentro* (*amas* internas) que amamentavam a criança no momento da chegada e enquanto não aparecia uma *ama* definitiva. Estas *amas* deveriam permanecer pouco tempo com as crianças e viviam dentro da Casa da Roda. De todos os tipos de *amas*, era por estas que passava um número maior de crianças, uma vez que estavam constantemente a mudar de expostos. Uma tão grande quantidade de crianças aumentava os riscos de contracção de uma doença contagiosa, nomeadamente a sífilis. Não admira que estas *amas* fossem as que recebiam maior salário entre as suas congéneres: a jorna que recebiam podia mesmo competir com a de um trabalhador do sexo masculino. Recebiam duas formas de pagamento: um pagamento diário de 120 reis¹ e um salário anual de 4000 reis². Este último, conhecido por *soldada* era comum a todos os servidores domésticos e confirma o carácter ancilar da ocupação de *ama* interna.

Se a estadia das crianças se prolongasse por um tempo longo, a administração era obrigada a chamar um número extra de mulheres capazes de amamentar³. A política da casa consistiu em criar um corpo provisório de *amas* cuja função era preencher o tempo de espera até os expostos poderem ir para as zonas rurais com as *amas* definitivas. As *amas de empréstimo* foram o resultado de uma evolução: na primeira metade do século os administradores contratavam mulheres para virem à Casa da Roda quando esta estava superlotada amamentar as crianças *in loco*. Na segunda metade do século XVIII estas *amas* passaram a levar as crianças para casa, sendo pagas ao dia. O salário que recebiam era mais baixo que o das *amas* internas mas, em contrapartida, existe

1. Este salário correspondia à soma de 80 reis até 1710; em 1711 foi aumentado para 120 reis. Não há notícia de nenhum aumento posterior, pelo que assumi que se conservou estável até finais do século. Cf. Arquivo da Assembleia Distrital do Porto (A.A.D.P. nas notas seguintes), *Livro 1 das Entradas e Termos das Amas*, contra-capá.

2. No caso da *ama* não finalizar um ano completo ao serviço da Casa, faziam-se cálculos rigorosos no sentido de lhe conceder uma soma proporcional ao tempo que tinha permanecido ao serviço. Uma tabela com esses cálculos pode ser encontrada na contra-capá do *Livro 1 das Entradas e Termos das Amas* (A.A.D.P.). Este salário anual correspondia a 11 reis por dia.

3. Ao contrário de outros hospitais de expostos europeus, não foi feita qualquer experiência no sentido de generalizar o aleitamento artificial no século XVIII; tratava-se apenas de um recurso no caso das crianças sífilíticas. Por exemplo, em Julho de 1749 foram pagos 280 reis pelo aluguer de uma cabra que se conservou na Casa para amamentar esses expostos durante seis dias (A.A.D.P., *Livro 2 da Despesa Múda*, fls. 71-71 v.).

a suspeita, ainda por confirmar, de podiam levar várias crianças ao mesmo tempo e acumular diárias. De todos os tipos de amas, este é aquele acerca do qual possuímos menos informação: seriam provavelmente mulheres conhecidas dos administradores, viviam em zonas urbanas de acesso rápido relativamente à Casa da Roda e o seu carácter provisório implicava que os seus pagamentos não fossem anotados de forma autónoma. Faziam-se apenas notas à margem dos livros de entrada, sem referenciar a identidade das mulheres. Em 1770 recebiam 40 réis por dia, e mais tarde foram aumentadas para 60 réis⁴.

Finalmente, a criança recebia uma ama definitiva, a *ama de fora*, que deveria cuidar da criança até aos sete anos de idade. Esta mulher devia deslocar-se ao hospital cada três meses acompanhada de uma folha impressa onde se anotavam os pagamentos. Muitas vezes, uma terceira pessoa - frequentemente o marido - vinha receber o salário por ela. Estas amas viviam em zonas rurais, por vezes a mais de 60 quilómetros de distância do Porto; não admira que algumas delas viessem à cidade apenas uma vez por ano e acumulassem salários. Poucas delas traziam o exposto, a não ser que tivessem ordens em contrário dos administradores, que manifestavam o desejo de verificar a saúde da criança com os próprios olhos. Em vez da criança traziam um certificado emitido pelo pároco respectivo, declarando que a criança estava viva e era bem tratada. Mesmo as amas definitivas desistiam muitas vezes de criar os expostos: os motivos invocados eram frequentemente a falta de saúde ou a ausência de leite. Muitas entregavam o exposto porque estavam grávidas, embora nem sempre o participassem à administração. Os documentos sugerem que, uma vez na posse das amas, todas as *fraudes* com expostos eram possíveis: podiam tentar desmamar a criança precocemente, ou simplesmente fazer com que outra mulher os aleitasse. De facto, as crianças parecem muitas vezes ter circulado entre as mulheres que habitavam no círculo de vizinhança da ama. O salário deste tipo de amas consistia inicialmente em 4000 réis por ano; em 1698 subiu para 5000 réis, uma vez que as amas se tinham queixado de que, devido ao preço elevado do pão, muitos expostos morriam de fome e outros não eram devidamente alimentados⁵. Em 1713 o salário atingiria 7000 réis por ano e este foi o último aumento no século XVIII. Na minuta da decisão sublinhava-se que em nenhuma circunstância as amas seriam pagas antecipadamente⁶. O período durante o qual uma ama recebia salário por cuidar de um exposto cessava em regra no sétimo aniversário deste, embora em casos excepcionais, alegando deficiências graves dos expostos, os pudessem ter a cargo com salário durante mais um ou dois anos.

4. A.A.D.P., *Livro 28 das Entradas*. Os pagamentos dessas amas eram anotados na margens dos registos de entrada dos expostos.

5. A.A.D.P., *Livro 1 do Registo*, fl. 48.

6. A.A.D.P., *Livro 1 do Registo*, 'Cópia do assento por que se acrescentou maior salário às amas que levam para sua caza as creanças da Roda', fl. 49.

O quadro I sumaria os salários dos vários tipos de amas comparados com a jorna recebida por um trabalhador agrícola do sexo masculino.

Quadro 1: Evolução dos salários das amas (ao dia)

Data	Internas	Empréstimo	Definitivas	Trab. rurais
1697			10.9	
1698			13.7	
1710	80			
1711	120			
1713			19.1	
1768				80
1781				100
1783				120
1785				140
1788				160
		40	(data de aumento desconhecida)	
		60	(data de aumento desconhecida)	

Fontes: A.A.D.P., *Livro 1 do Registo*, fl. 48, *Livro das Entradas e Termos da Amas*, contracapa; Godinho, 1955: 81-83.

3. As amas definitivas: identidade social

A pouca representatividade das amas internas no contexto global das amas de expostos (a sua situação é equiparável, pelo tipo de trabalho e salário auferido, à das amas particulares residentes) leva-nos a descartá-las deste trabalho; por outro lado, não dispomos de informações suficientes sobre as amas de empréstimo. Restam as amas definitivas, sem dúvida as mais numerosas, e as mais representativas do conceito de "ama de expostos".

Tentaremos em seguida caracterizar as amas "definitivas" relativamente a estado matrimonial, paróquia de residência e ocupação dos maridos. A elevada frequência de mães solteiras entre as amas de expostos pode esclarecer-nos sobre a incidência da ilegitimidade nesta região de Portugal. Por outro lado, as áreas onde as amas residiam são indicadores poderosos da relação entre uma instituição urbana — a Casa da Roda — e as áreas rurais. Conhecer a intensidade da presença das amas residentes na cidade relativamente às mulheres do campo parece crucial para uma definição das formas de recrutamento das mulheres que criavam expostos. A ocupação dos maridos é o único indício sobre os meios sociais das famílias das amas. Seriam as amas predominantemente mulheres de camponeses? Qual era a incidência do artesanato nas zonas rurais?

Em termos de estado matrimonial e não considerando variações de triénio para triénio, 80% das amas eram casadas, 4% viúvas e 16% solteiras (ver quadro 2). A elevada percentagem de mulheres solteiras entre as amas constitui

uma prova indirecta da incidência de ilegitimidade no Porto e nas áreas circundantes mas não é suficiente para a demonstrar. Pelo menos, sugere uma inegável tendência do Hospital de Expostos para empregar mulheres solteiras como amas. Deve-se notar, no entanto, que algumas dessas mulheres foram contratadas como amas sêcas, não sendo obrigatoriamente mães solteiras. No entanto, a percentagem dessas amas sêcas entre as amas solteiras é baixa: 7.56% entre 1749-51 e 6.25% entre 1774-1776. A presença de viúvas, que, a menos que tivessem enviuvado há menos de nove meses antes do seu último parto, não deveriam dispôr de leite materno, podia também confirmar a tendência para a reprodução fora do casamento. Mais uma vez, poderíamos observar que nem todas amamentavam as crianças: a percentagem de amas sêcas entre as viúvas é de 29.49% entre 1774-1776 (23 num total de 78). Comparando os triênios, a distinção entre as categorias ressalta pela sua homogeneidade, exceptuando as mulheres solteiras, cuja percentagem, sempre superior a 13%, sobe para 19.8% entre 1724-1726. As viúvas também representavam 11% das amas entre 1699-1701, mas caíram para uma percentagem consistente compreendida entre 3 a 4.6%. As amas casadas não evidenciam muita variabilidade, embora a respectiva percentagem tivesse aumentado consistentemente de triênio para triênio, atingido o máximo de 83% entre 1774-76.

Quadro 2: Estado matrimonial das amas

	Solteiras	Casadas	Viúvas	Desc.	Total
1699-1701	38 (1)	191	29	2	260
%	14.62	73.46	11.15	0.77	100
1724-1726	191 (4)	741 (3)	29	9	970
%	19.69	76.39	2.99	0.93	100
1749-1751	230 (1)	1174	68 (2)	9	1481
%	15.53	79.27	4.59	0.61	100
1774-1776	275 (13)	1666 (21)	78(3)	---	2019
%	13.62	82.52	3.86	---	100
Total	734 (19)	3772 (24)	204 (5)	20	4730
%	15.52	79.75	4.31	0.42	100

Nota: Os números entre parêntesis representam amas acerca das quais sabemos que mudaram de estado matrimonial. Nos quadros seguintes as amas com estado matrimonial desconhecido (num total de 20) foram agrupadas entre as amas casadas sempre que os registos incluem o nome de um homem; de outro modo, foram inseridas no grupo das solteiras⁷.

Embora a informação sobre as ocupações dos maridos possa estar ausente, a tendência foi para as registar tanto no caso das amas casadas como no das viúvas. O quadro 3 representa os tipos de actividade desses homens.

7. Os quadros 2 a 10 tem como fonte os *Livros das Saldas* n.s 14 e ns. 66 a 72 (A.A.D.P.).

Quadro 3: Ocupações dos maridos das amas

Actividade	1699-01	1724-26	1749-51	1774-77	Total
Agricultores	1	329	465	610	1405
Freq. Rel. (%)	0.45	42.67	37.41	34.98	35.32
Freq. Aj. (%)	2.63	48.31	41.85	35.84	39.78
Jornaleiros	1	14	43	261	319
Freq. Rel. (%)	0.45	1.82	3.46	14.97	8.02
Freq. Aj. (%)	2.63	2.06	3.87	15.33	9.03
Artesãos	24	259	433	564	1280
Freq. Rel. (%)	10.90	33.59	34.84	32.34	32.18
Freq. Aj. (%)	63.16	38.03	38.97	33.14	36.24
Lojistas	2	20	5	35	62
Freq. Rel. (%)	0.90	2.59	0.40	2.01	1.56
Freq. Aj. (%)	5.26	2.94	0.45	2.06	1.76
Serviços	2	5	58	65	130
Freq. Rel. (%)	0.90	0.65	4.67	3.73	3.27
Freq. Aj. (%)	5.26	0.73	5.22	3.82	3.68
Soldados	2	19	25	22	68
Freq. Rel. (%)	0.90	2.46	2.01	1.26	1.71
Freq. Aj. (%)	5.26	2.79	2.25	1.29	1.93
Transportes	4	27	75	114	220
Freq. Rel. (%)	1.82	3.50	6.03	6.54	5.53
Freq. Aj. (%)	10.53	3.96	6.75	6.70	6.23
Outros	2	8	7	31	48
Freq. Rel. (%)	0.90	1.04	0.56	1.78	1.21
Freq. Aj. (%)	5.26	1.17	0.63	1.82	1.36
S. inf.	182	90	132	42	446
Freq. Rel. (%)	82.73	11.67	10.62	2.41	11.21
Total	220	771	1243	1744	3978

Dois aspectos parecem significativos:

1. Uma vez que a maioria das amas provinha de zonas rurais (como veremos mais adiante), poder-se-ia esperar encontrar uma esmagadora maioria de trabalhadores agrícolas. Em vez disso, a percentagem destes é pouco superior à dos artesãos: 39.8% para os primeiros e 36% para os segundos.

2. Os pequenos comerciantes parecem ter uma importância secundária em toda a gama de ocupações referidas. Este impacto reduzido pode ser explicado se tivermos em conta que os artesãos tendiam a vender os seus produtos directamente nas oficinas; os lojistas seriam portanto incluídos na categoria dos artesãos. Em contrapartida, as ocupações relacionadas com transporte de pessoas

e mercadorias incluem um bom número de almocreves, que eram responsáveis pela distribuição de artigos da cidade nas zonas rurais.

O quadro 4 mostra a distribuição geográfica das amas: as freguesias foram reunidas em 5 categorias. As primeiras três referem-se a paróquias urbanas: intra-muros (A), incluindo a Sé, S. Nicolau e Vitória; extra-muros (B), incluindo Cedofeita, S. Ildefonso, Massarelos e Miragaia, e paróquias urbanas não especificadas (C). A categoria D diz respeito às paróquias que hoje integram o concelho do Porto e que no século XVIII eram freguesias rurais. A categoria E inclui todas as paróquias rurais exteriores ao concelho.

Quadro 4: Distribuição geográfica das amas

	A	B	C	D	E	F	A+B+C	D+E	Total
1699-1701	29	38	2	3	183	5	69	186	260
%						1.92	26.54	71.54	
1724-1726	44	84	8	26	807	2	136	833	971
%						0.20	14.01	85.79	
1749-1751	76	96	1	16	1259	1	173	1275	1449
%						0.07	11.94	87.99	
1774-1776	28	79	-	12	1872	-	107	1884	1991
%						--	5.37	94.63	
Total	177	297	11	57	4121	8	485	4187	4671

A = Paróquias intra-muros. B = Paróquias extra-muros. C = Paróquias urbanas não especificadas. D = Outras paróquias do Concelho. E = Paróquias rurais fora do concelho. F = Sem informação

O quadro 4 evidencia uma tendência muito clara para um aumento crescente de recrutamento de amas nas zonas rurais: as amas urbanas representavam 26.5% do total entre 1699-1701; 14% entre 1724-26; 12% entre 1749-51 e só 5.4% entre 1774-76, com as amas rurais a aumentarem na proporção inversa. Muitas destas amas rurais provinham de paróquias situadas a grande distância da cidade e em áreas já muito distantes do mar: a percentagem de amas das paróquias do concelho (categoria D) é de apenas 1.22% para todo o século.

O envolvimento crescente das zonas rurais no aleitamento de expostos deve ter jogado um papel muito importante na relação cidade-campo. Muitas das paróquias estavam a um dia de caminho da cidade ou a várias horas de carruagem ou barco. Se tivermos em mente que as amas deveriam vir à cidade receber os pagamentos cada três meses, quer acompanhadas do exposto de que cuidavam ou de uma certidão de vida deste emitida pelo pároco da freguesia de residência, o hospital de expostos deve ter dado uma importante contribuição para quebrar o isolamento destas áreas rurais, intensificando os contactos entre cidade e campo. O vácuo de paróquias com amas de expostos situado entre estas zonas e o Porto permanece inexplicado: se afastarmos como pouco plausí-

vel a hipótese da inexistência de amas de leite nestas áreas, a presença de um mercado paralelo para amas particulares deve ser considerada. Confirmar-se-ia que as amas de expostos seriam as mulheres mais mal pagas, vivendo em zonas pobres e remotas.

Para comprovar estas hipóteses são necessários estudos detalhados de comunidade. No entanto, mesmo tendo como base empírica os registos hospitalares, estes parecem indicar alguma especialização, tanto em termos de espaço (paróquias "vacionadas" para amamentar expostos) como em termos ocupacionais, existindo um equilíbrio entre trabalhadores rurais e artesãos. A elevada presença de artesãos rurais é a novidade mais marcante a propósito desta especialização profissional, sendo de esperar que os artesãos constituíssem uma pequena percentagem da população rural. No entanto, é provável que as famílias destes artesãos não perdessem o contacto com o trabalho da terra, existindo uma tendência para o desempenho de várias ocupações, diversificando as fontes de rendimento familiares.

4. Os objectivos da prática do aleitamento de expostos

O salário das amas definitivas era notavelmente inferior ao dos homens menos de 20 réis contra 80 nos inícios do século. Essa desproporção aumentou posteriormente, uma vez que as amas definitivas não foram aumentadas ao longo do século, ao contrário dos homens, cujo salário atingiu 160 réis (ver quadro 1). O lucro proveniente da actividade teria de provir da acumulação de rendimentos dos diversos membros do grupo doméstico, a par de outros benefícios de carácter não económico. Esses benefícios, no caso do exercício da actividade de amas de leite, podem consistir no prolongamento do aleitamento, com o consequente adiar dos riscos de nova gravidez; na "substituição" de um filho morto, aproveitando dessa forma o leite materno em benefício de outra criança de idade equivalente; e ainda na integração de uma criança no grupo residente.

A) Adiar os riscos de nova gravidez

Para observar o comportamento destas mulheres enquanto amas, comparei informações relativas ao triénio de 1724 a 1726 com as respeitantes aos anos de 1774 a 1776.

Nem todas as amas amamentavam os expostos que tomavam a carga. Algumas especializaram-se em criar crianças já ab lactadas, enquanto mesmo as amas de leite o eram a título provisório, uma vez que podiam conservar a criança muito depois de desmamada.

O quadro 5 revela que só 8% das amas eram amas-sêcas, enquanto 92% dessas amas tinham tido um parto nos tempos anteriores ao contrato como amas. Este aspecto confirma também que, uma vez que o hospital não dimi-

nuía os salários das amas depois da ablação dos expostos, não havia uma transferência significativa de responsabilidades depois do desmame. A tendência era conservar a criança durante o maior tempo possível, até que o hospital se desobrigasse desta no sétimo aniversário.

Quadro 5: Tipo de ama

	«Secas»	Amas de leite	Descon.	Total
1724-26	44	903	23	970
%	4.54	93.09	2.37	100.00
1774-76	194	1824	--	2018
%	9.61	90.39	--	100.0
Total	238	2727	23	2988
%	7.97	91.27	0.77	100.0

A idade do leite das amas não pode ser comparada entre as duas amostras, devido à quase ausência de dados disponíveis para o triénio de 1724-1726. O quadro 6 representa os dados existentes para 1774-1776.

Quadro 6: Idade do leite (1774-1776)

Idade (em meses)	Freq.	Rel. (%)	Freq. Aj. (%)	Freq. Aj. Cum.
1-6	182	9.98	10.47	10.47
7-12	100	5.48	5.75	16.23
13-18	1022	56.03	58.80	75.03
19-24	298	16.34	17.15	92.17
25-30	72	3.95	4.14	96.32
31-36	39	2.14	2.24	98.56
37-42	11	0.60	0.63	99.19
43-48	7	0.38	0.40	99.60
49or+	7	0.38	0.40	100.00
Desc.	86	4.71	--	--
Total	1824	99.99	99.98	

A percentagem de amas com leite de idade inferior a um ano corresponde grosso modo, como veremos, à das amas que declararam que os ultimogénitos tinham morrido (15 e 16% respectivamente). 87% das amas tinha leite com menos de dois anos; 6.1% leite entre dois e três anos; o leite com idades superiores tendeu a ser excepcional - as amas com leite de mais de três anos tendiam a ter uma carreira mais longa na amamentação de expostos ultrapassando por vezes a duração da amostra. Seria improvável que uma mulher que se apresentasse pela primeira vez como ama com um leite tão velho fosse contratada pelo hospital.

B) Substituir um filho morto

Esperava-se que as amas de leite tivessem desmamado o último filho antes de serem contratadas para aleitar um exposto. Esta regra informa-nos acerca de uma regra implícita: esperava-se que as mulheres não amamentassem mais de uma criança ao mesmo tempo. Mesmo que os administradores tivessem pouco controle sobre o número de crianças aleitadas por uma só ama, os párocos e as próprias mulheres prestaram muitas vezes a informação aos administradores de que o último filho tinha morrido; desta forma, podiam explicar porque é que a ama tinha um leite tão recente. De outra forma, as amas eram supostas dispôr de leite por um período superior a um ano, 13 meses sendo a idade modal do leite mais "novo" das amas cujos últimos filhos estavam vivos. Esta regra era válida para o primeiro exposto de que a ama cuidava depois do parto, uma vez que as amas podiam cuidar de uma sequência de expostos com um único nascimento. O quadro 7 representa o número de amas cujos últimos filhos tinham morrido no momento do contrato para cada um dos triénios considerados. A categoria "vivos" representa os filhos das amas presumivelmente ainda em vida, embora não possamos excluir a eventualidade de que as respectivas mães tenham ido buscar outras crianças que não pertençam à amostra antes do exposto pertencente ao registo em que aparecem, declarando os seus próprios filhos mortos no registo anterior, ou ainda que o mesmo filho tenha morrido ao tempo em que foram contratadas como amas de outro exposto.

Quadro 7: Estado do último filho das amas momento em que foram buscar um exposto ao hospital

	Vivo	Morto	Prov. morto	Desc.	Total
1724-1726	151	37	1	714	903
%	16.72	4.10	0.11	79.07	
Freq. Aj. (%)	79.89	19.58	0.53	--	
1774-1776	1386	333	18	87	1824
%	75.99	18.25	0.99	4.77	
Freq. Aj. (%)	79.79	19.17	1.04	--	

Se considerarmos as frequências ajustadas, a variação entre as duas amostras é inexistente: cerca de 19% das amas em cada triénio declararam que a última criança que tinham parido tinha morrido. Esta informação é preciosa: prova que uma em cinco amas tentava compensar a perda de um filho, quer com um objectivo puramente biológico (continuar a aleitar para adiar a ovulação) enquanto retirava proveito económico do facto, ou com o objectivo de substituir a criança morta. Calculei se as amas com filhos mortos revelaram uma maior propensão para "adoptar" os expostos. Entre essas mulheres (casadas) 33.3%

adoptaram um exposto, enquanto que entre as mulheres que declararam ter os seus últimos filhos ainda vivos essa percentagem é de 23.5%.

C) Acrescentar uma criança ao grupo co-residente

Sabemos bem que os expostos podiam ser passados de ama para ama durante os sete anos em que o hospital lhes pagava a criação. A mudança podia ocorrer por iniciativa da ama, uma vez que esta devia devolver a criança à Casa da Roda se o seu leite acabasse, se o exposto estivesse doente ou simplesmente se não estivesse interessada em conservá-la. No entanto, os administradores tomaram essa decisão frequentemente nos casos em que a ama trazia uma criança doente ou subnutrida no momento do pagamento ou naqueles em que tinham a informação de que esta tratava mal da criança.

A historiografia contemporânea tem dado uma imagem distorcida do comportamento das amas para com as crianças: são dadas como descuidadas e remissas para com os expostos. A ama "assassina" tornou-se quase um cliché da literatura sobre expostos. O problema é que os historiadores prestam demasiada atenção a casos que captam a atenção do observador precisamente devido ao seu carácter aberrante. O quadro 8 demonstra que só 20% dos expostos tiveram mais de uma ama. Podia-se no entanto argumentar que poucas crianças sobreviviam o tempo suficiente para mudar de ama. A contra argumentação seria que existiu uma tendência clara por parte das amas de tomar vários expostos a cargo até que um deles sobrevivesse o tempo suficiente para ser "adoptado". Por outro lado, entre as amas-sêcas casadas da última amostra (1774-1776), foi particularmente frequente estas declararem que não tinham filhos, o que sugere que desejavam uma criança quando iam buscar um exposto à Casa da Roda (45 em 177 o que corresponde a 25.4%). Entre as amas sêcas solteiras do mesmo período, 8 em 17 (47.6%) herdaram o exposto da defunta mãe que tinha sido a anterior ama da criança ou encontravam-se numa situação semelhante (conheciam ou eram parentes da ama defunta).

Quadro 8: Número de amas por criança

	1724-26	%	Cum. %	1774-26	%	Cum. %
1	753	81.23	81.23	1316	78.29	78.29
2	147	15.86	97.09	299	17.79	96.08
3	23	2.48	99.57	55	3.27	99.35
4	3	0.32	100.00	10	0.59	99.94
5	0	0.00	100.00	1	0.06	100.00
Total	926			1689		

Se por um lado se observa uma ligeira tendência para existir mais do que uma ama por exposto na última amostra (21.7% contra 18.8% entre 1724-26 o que representa 3% das crianças), as percentagens cumulativas ressaltam pela sua equitatividade entre as duas amostras. Este aspecto parece-me particularmente interessante porque, à medida que o hospital ia sendo utilizado por camadas cada vez mais vastas da população, poder-se-ia esperar que os expostos fossem transferidos de ama para ama com mais frequência, deteriorando-se assim a relação entre exposto e ama.

O número de crianças ao cuidado das amas em cada triénio é também um indicador da evolução da prática de amamentação. O quadro 9 representa as crianças do hospital que estiveram a cargo das amas consideradas nas amostras⁸.

Quadro 9: Número de crianças por ama

	1724-26	%	Cum. %	1774-26	%	Cum. %
1	826	85.15	85.15	1623	80.43	80.43
2	129	13.30	98.45	340	16.84	97.27
3	10	1.03	99.48	47	2.33	99.60
≥ 4	5	0.52	100.00	8	0.40	100.00
Total	970	100.00		2018	100.00	

Existe uma diferença entre o número de crianças por ama entre os dois triénios: 14.9% entre 1724-1726 e 19.6% entre 1774-1776 tiveram a cargo mais de um exposto num período de três anos, o que significa um aumento de 4.7%. Deve-se sublinhar, no entanto, que estas crianças representam apenas os expostos incluídos nas amostras que recolhi e não o total da carreira de cada mulher como ama. O exame das fontes demonstrou que as mulheres podiam relacionar-se com o hospital enquanto amas por um período igual ou superior a quinze anos, beneficiando de leite proveniente de vários partos. O que o quadro representa é a capacidade das amas de cuidar de crianças ao longo de um período de três anos, uma capacidade que parece ter aumentado. Deve-se notar que a mortalidade dos expostos é diferente entre as duas amostras: 42.9 em 1724-1726 e 46.2 em 1774-1776⁹. Em três anos, aconteceu muito raramente que qualquer das amas das amostras recolhidas tenha cuidado de expostos como resultado de duas gravidezes.

⁸ Este quadro pode incluir alguns erros devido às dificuldades em definir as identidades das mulheres repetidas.

⁹ A mortalidade dos expostos com amas, e a mortalidade dentro do hospital, não foram incluídas na mortalidade dos expostos (exceptuando os expostos trazidos mortos ao hospital).

Em conclusão, o aspecto que ressalta sobre o comportamento das amas é que as suas características (pequena percentagem de amas sêcas, quociente baixo de amas por exposto, cerca de 19% de mortos entre os últimos filhos das amas) não mudaram significativamente ao longo de cinquenta anos. Com o aumento de expostos que se verificou entre os dois triénios, juntamente com o alargamento das áreas de aleitamento, seria de esperar que algumas destes aspectos se tivessem alterado. Pelo contrário, o comportamento destas mulheres como amas permaneceu notavelmente estável.

A carreira das amas na amamentação de expostos, embora disponhamos apenas de dados parcelares, teria como objectivo último integrar uma criança no grupo co-residente. O quadro 10 pretende demonstrar que grande parte dos expostos que atingiram os sete anos continuaram integrados na família da ama que os tinha criado.

Quadro 10: Tipo de adoptante

	1	2	3	4	5	Total
1699-1701	61	5	1	1	5	73
Freq. (%)	83.56	6.85	1.37	1.37	6.85	100
Freq. Aj. (%)	89.71	7.35	1.47	1.47	-	100
1724-1726	176	75	19	7	53	330
Freq. (%)	53.33	22.73	5.76	2.12	16.06	100
Freq. Aj. (%)	63.54	27.08	6.86	2.52	-	100
1749-1751	300	250	23	6	5	584
Freq. (%)	51.37	42.81	3.94	1.02	0.86	100
Freq. Aj. (%)	51.81	43.18	3.97	1.04	-	100
1774-1776	507	330	27	25	10	899
Freq. (%)	56.40	36.71	3.0	2.78	1.11	100
Freq. Aj. (%)	57.03	37.12	3.04	2.81	-	100
Total	1044	660	70	39	73	1886
Freq. (%)	55.36	34.99	3.71	2.07	3.87	100
Freq. Aj. (%)	57.58	36.40	3.86	2.15	-	100

1 = Família da ama. 2 = "Estranhos" ou externos. 3 = "Estranhos" conhecidos das amas ou dos administradores. 4 = Outros. 5 = Sem informação.

O quadro 10 analisa o tipo de famílias adoptantes segundo a sua relação prévia com a criança. A maioria dos expostos permaneceu sob a responsabilidade da família das amas respectivas (1): cerca de 90% entre 1699-1701, 63.5% entre 1724-1726, 51.8% em 1749-1751 e 57% entre 1774-1776. Surge-nos claro o interesse das amas pelos expostos que tinham criado, confessando muitas vezes a ligação emocional que se tinha estabelecido: a expressão "pelo

muito amor que lhe tem" é frequente nos registos. No entanto, os adoptantes deviam dar um salário à criança quando esta atingisse entre 12 a 14 anos de idade. Se considerarmos que muitas famílias cuidaram de mais de um exposto ao longo dos anos, e conservaram pelo menos um deles depois dos sete anos de criação, parece-nos evidente que ir buscar expostos à Casa da Roda tinha outros objectivos que não exclusivamente receber dinheiro da criação, mas inscrevia-se num processo desenvolvido a longo prazo, em que pelo menos um exposto era assimilado pela família da ama. De vez em quando os administradores recusavam um pedido da ama para ficar com o exposto argumentando que o agregado familiar em causa já tinha incorporado um ou mais expostos maiores de sete anos. Falar exclusivamente de estratégias económicas na relação que essas mulheres mantinham com as crianças expostas parece não bastar para nos apercebermos da sua importância na economia familiar, que passava também por estratégias de formação da composição do grupo co-residente.

Bibliografia

- CORSINI, C.A., 1974, "La fecondité naturelle de la femme mariée. Le cas des nourrices", *Genus*, XXX, 1-4, 1-12.
- CORSINI, C.A., 1991, "Breastfeeding, Fertility and Infant Mortality: lessons from the Archives of the Florence Spedale degli Innocenti", *Historical Perspectives on Breastfeeding*, Florença, Unicef, 63-87.
- FILDES, V., 1988, *Wet Nursing. A History from Antiquity to the Present*, Oxford, Basil Blackwell.
- GODINHO, V.M., 1955, *Prix et monnaies au Portugal*, Paris, A. Colin.
- KLAPISCH-ZÜBER, C., 1980, "Genitori naturale e genitori di latte nella Firenze del Quattrocento", *Quaderni Storici*, 44, 543-563.
- LITHELL, U.B., 1981, "Breast-feeding habits and their relations to infant mortality and marital fertility", *Journal of Family History*, 6, 182-194.
- MacLAREN, D., 1979 "Nature's contraceptive: wet-nursing and prolonged lactation, the case of Chesham, Buckinghamshire, 1578-1601", *Medical History*, 23, 4, 426-441.
- MARCY, P.T., 1981, "Factors affecting the fecundity and fertility of historical populations: a review", *Journal of Family History*, 6, 309-326.
- NEWALL, F., 1990, "Wet nursing and child care in Aldenham, Hertfordshire, 1595-1726: some evidence on the circumstances and effects of seventeenth-century child rearing practices", in Fildes, V. (ed.), *Women as mothers in pre-industrial England: essays in memory of Dorothy MacLaren*, London, Routledge, 122-138.
- SÁ, I.G., 1992, *The Circulation of Children in Eighteenth Century Southern Europe: the case of Porto*, Tese de doutoramento, Instituto Universitário Europeu, 347-349.

Isabel dos Guimarães Sá

- SÁ, I.G., 1993, "Abandono de crianças, ilegitimidade e concepções pré-nupciais em Portugal: estudos recentes e perspectivas", *III Congresso da ADEH*, Braga, abril de 1993 (em fase de publicação).
- SUSSMAN, G.D., 1982, *Selling mothers' milk: the wet-nursing business in France, 1715-1914*, Urbana, Chicago; London, University of Illinois Press.